



LIÇÃO 04

25 de Janeiro de 2025

1º TRIMESTRE 2026

ADULTOS

A Paternidade Divina

Esboço Da Lição 04

Do 1º Trimestre

De 2026

Por Murilo Alencar

DIREITOS AUTORAIS

Este subsídio está protegido por leis de direitos autorais. Todos os direitos sobre o subsídio são reservados. Você não tem permissão para alterar ou vender este subsídio. Nem tem permissão para copiar/reproduzir o conteúdo do subsídio em sites, blogs ou jornais. Qualquer tipo de violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.

SOBRE O ABRA A JAULA

O **Abra a Jaula** é um projeto de pregação, evangelismo e ensino da palavra de Deus. O abrir a jaula pode ser comparado com a ordenança máxima dada a igreja por Jesus "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Spurgeon disse que o evangelho é como um leão faminto que está enjaulado, de modo que nosso papel não é salvar ninguém, mas abrir a jaula e deixar que o Leão saia e consuma os corações!

Nesse sentido, nos colocamos a disposição, principalmente de Deus, para promover um conteúdo bíblico e pentecostal.

No acervo de vídeos do Abra a Jaula, temos pregações curtas, reflexões bíblicas, pré-aula da Escola Dominical, dicas de pregação com O Pregador e a Pregação e o personagem da bíblia, além de vários projetos que ainda estão para serem colocados em prática, pois estamos em constante crescimento.

É um privilégio muito grande contribuir com seu ministério. Nós gostaríamos de te conhecer melhor e estar mais próximo de você. Faça parte da nossa família, é só clicar nos botões.



Site



Canal



Instagram



Facebook



Twitter



(87) 99808-9816

A SANTÍSSIMA TRINDADE
O Deus Único Revelado em Três Pessoas Eternas

Domingo, 25 de janeiro 2026

A PATERNIDADE DIVINA

Pb. Murilo Alencar¹

INTRODUÇÃO

Nesta lição, veremos que a paternidade divina não começa no tempo, porque pertence à identidade eterna de Deus; aprenderemos por que confessar Cristo é evidência de comunhão com o Pai; e compreenderemos como o amor do Pai, amadurecido em nós, remove o temor e nos capacita a viver em obediência e amor. Preparados? Vamos juntos aprender a Palavra de Deus.

TEXTO ÁUREO

E vimos e testemunhamos que o Pai enviou seu Filho para ser o Salvador do mundo. (1Jo 4.14, NVI).

E nós vimos e anunciamos aos outros que o Pai enviou o Filho para ser o Salvador do mundo. (1Jo 4.14, NTLH).

O que esse texto comunica?

1. Há um testemunho confiável (“vimos... testemunhamos...”). O amor de Deus e o seu plano redentivo consumado pelo Filho Eterno foi anunciado pelos apóstolos e chegou até nós por meio dos Escritos do Novo Testamento.
2. O Pai é a fonte da iniciativa salvadora (“enviou”)
3. O Filho tem papel central e definido no plano da redenção: Salvador
4. O alcance é apresentado como “do mundo”, sinalizando que o alvo de Deus é todos os homens.

“Nós” se refere aos apóstolos, entre os quais, naturalmente, João se inclui. Eles viram o Filho de Deus encarnado (1.1–3; Jo 1.14). Viram seus milagres, suas obras, escutaram suas palavras, perceberam seu amor e seu poder. Foram testemunhas da sua morte, viram-no ressuscitado e com seus olhos contemplaram quando ele subiu aos céus. O testemunho deles continua falando até hoje.

¹ Graduado em teologia pela UniCesumar; Tecnólogo em coaching e desenvolvimento humano pela Unopar; pós-graduando em educação cristã e graduando em teologia pela Faculdade Batista do Cariri (FBC); Presbítero na Assembleia de Deus em Pernambuco

O que eles testemunham, por meio dos seus escritos, os quais compõem, hoje, as Escrituras do Novo Testamento, é que a missão do Filho de Deus neste mundo foi de salvá-lo. Ele veio como “Salvador do mundo”, enviado pelo Pai.

Notemos, em primeiro lugar, que o fato do Pai enviar o Filho não quer dizer que é maior do que o Filho. As Pessoas da Trindade são iguais em glória, majestade e poder. Porém, decidiram que tomariam papéis diferentes quanto à salvação do mundo. O Pai envia, o Filho executa, o Espírito aplica, e isso sem que seja prejudicada a igualdade das Três Pessoas.

Em segundo lugar, notemos que o termo *mundo* aqui refere-se a todas as pessoas, as quais compõem a sociedade pecaminosa, as pessoas em rebelião contra Deus e debaixo do poder do Maligno. Somente Jesus Cristo pode salvar pessoas assim. Ele é o único, não há outro. Mediante sua obra redentora, pecadores são salvos. É nesse sentido que ele é o Salvador do mundo. Em João 3.16 vemos claramente que Cristo veio ao mundo salvar os que nele creem.

VERDADE PRÁTICA

A paternidade de Deus é revelada no envio do Filho e na concessão do Espírito, confirmando nossa filiação e aperfeiçoando-nos no amor.

Vamos entender a verdade prática em quatro pontos:

1. O próprio Jesus identifica Deus como Pai de forma única e íntima (Jo 5.18; Jo 17.1-5). O envio do Filho ao mundo (Jo 3.16; Gl 4.4) manifesta essa relação eterna entre o Pai e o Filho, não como um começo no tempo, mas como uma revelação histórica de uma relação intratrinitária eterna.
2. Paternidade revelada na concessão do Espírito. O Espírito Santo é enviado pelo Pai em nome do Filho (Jo 14.26; 15.26). Espírito procede do Pai e é enviado pelo Filho, revelando, portanto, o dinamismo relacional da Trindade.
3. A paternidade de Deus confirma nossa filiação. A experiência da filiação é trinitária: o Pai nos adota, o Filho nos redime, e o Espírito nos une a essa nova identidade.
4. A paternidade de Deus nos aperfeiçoa no amor. O amor do Pai pelo Filho e do Filho pelo Pai no Espírito é eterno (Jo 17.24; Mt 3.17). Ao sermos incluídos nessa comunhão, somos conformados ao padrão desse amor (Jo 15.9-10; 1Jo 4.7-12). A perfeição no amor é fruto da habitação trinitária: "Se alguém me ama [...] viremos a ele e faremos nele morada" (Jo 14.23). O Espírito derrama o amor de Deus em nossos corações (Rm 5.5), nos conduzindo à comunhão com o Pai e o Filho (1Jo 1.3).

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?**

Aperte agora mesmo aqui para conhecer a maior plataforma de auxílio ao professor da EBD

1. A REVELAÇÃO DA PATERNIDADE DO PAI

Ideia central do ponto: A paternidade divina pertence ao Pai eternamente e se manifesta na relação com o Filho e na concessão do Espírito (Ef 4.6; Jo 17.5; Jo 15.26).

1.1 Definição da paternidade do Pai.

Ideia central: O Pai é a Primeira Pessoa, fonte de toda vida e ação trinitária: ele gera o Filho e, com o Filho, concede o Espírito (1Co 8.6; Sl 2.7; Jo 14.26).

O aluno deve sair sabendo: definir paternidade como propriedade pessoal do Pai, distinguindo “fonte/origem relacional” de superioridade de essência.

A LIÇÃO DIZ: *A Paternidade é atributo da Primeira Pessoa da Trindade, que opera por meio do Filho e do Espírito Santo: “um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos, e em todos vós” (Ef 4.6). O Pai é a fonte de tudo, Ele é soberano (1Co 8.6), Ele é o princípio sem princípio, Ele não é gerado (Jo 1.18), mas é Aquele que gera o Filho (Sl 2.7; Hb 1.5) e de quem, junto com o Filho, procede o Espírito Santo (Jo 14.26).*

Antes de definir a paternidade como propriedade pessoal e exclusiva do Pai (que estará em negrito no final deste subponto) julgo necessário uma breve explicação preliminar.

Biblicamente, a Escritura afirma de forma inequívoca que há um só Deus:

“Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor” (Dt 6.4).
“Deus é um só” (Tg 2.19).

Deus possui uma única essência ou substância indivisível (em grego, *ousia*). Deus não é composto de partes; ele é um ser simples e infinito que não pode ser dividido. Cada uma das três pessoas Pai, Filho e Espírito Santo, possui toda a plenitude da natureza divina de forma completa e idêntica. Assim, não existe "mais" de Deus nas três pessoas juntas do que em cada uma delas individualmente, pois a essência divina é partilhada integralmente por todas.

A singularidade das três pessoas da Trindade refere-se ao fato de que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são distintos entre si, não por terem naturezas diferentes (pois compartilham a mesma essência divina), mas por causa de suas relações eternas e pessoais dentro da única divindade.

A doutrina trinitária clássica afirma que há uma única essência divina, mas três hipóstases (pessoas ou subsistências), cada uma com uma identidade pessoal distinta, ainda que inseparável das outras.

As pessoas são distinguíveis apenas por suas relações, mas são inseparáveis em sua operação. O que é dito de Deus de forma absoluta (como ser bom, onipotente ou eterno) aplica-se a todos os três igualmente. A singularidade (hipóstase) só aparece quando mencionamos a relação de um para com o outro e nas suas ações realizadas na história.

Portanto, a paternidade de Deus é uma realidade intratrinitária: o Pai é eternamente Pai do Filho, e essa relação define sua identidade pessoal única dentro da Trindade.

Pessoa	Relação distinta	Característica singular	Base bíblica
Pai	Ingênito	Fonte pessoal, gera o Filho	Jo 5.26, Ef 1.3
Filho	Eternamente gerado	Gerado do Pai, não criado	Jo 1.14, Cl 1.15–17
Espírito Santo	Procedente	Procede do Pai (e do Filho)	Jo 15.26, Gl 4.6

1.2 A paternidade eterna do Pai.

Ideia central: O Pai sempre foi Pai; a relação Pai-Filho antecede a criação e não começa no tempo (Jo 17.5; Ef 1.3-4; Hb 1.2-3).

O aluno deve sair sabendo: explicar que Deus não “se tornou” Pai; Pai, Filho e Espírito são eternos e coeternos.

A LIÇÃO DIZ: *A Paternidade de Deus não tem início no tempo. Deus é Pai desde toda a eternidade. O Pai sempre foi Pai, o Filho sempre foi Filho e o Espírito sempre foi Espírito (Ef 1.3,4; Hb 1.2,3; 9.14).*

A doutrina ortodoxa cristã, conforme definida nos Credos de Niceia (325) e Constantinopla (381), ensina que Deus é eternamente Pai porque Ele eternamente gera o Filho. A identidade do Pai está ligada à Sua relação eterna com o Filho. Ele não se torna Pai; Ele é Pai desde a eternidade, porque o Filho é eternamente gerado (Jo 1.1-3, 18; Jo 17.5).

"Cremos em um só Deus, o Pai, todo-poderoso [...] e em um só Senhor, Jesus Cristo, o Filho unigênito de Deus, gerado do Pai antes de todos os séculos." (Credo Niceno-Constantinopolitano)

Porém, há algumas correntes heréticas que precisamos conhecer:

- 1.2.1 Adocionismo. Ensinava que Jesus era um homem comum, que foi adotado por Deus como Filho em algum momento da história (ex.: no batismo ou na ressurreição). Essa heresia nega a filiação eterna do Filho e, portanto, a paternidade eterna de Deus, pois afirma e defende que Deus só se torna Pai quando Jesus é adotado como Filho.
- 1.2.2 Modalismo (Sabelianismo). Essa heresia afirma que Deus é uma única pessoa que se manifesta de diferentes formas ou "modos" ao longo da história: como Pai na criação, como Filho na redenção, e como Espírito na santificação. Logo, "Pai" não é uma identidade pessoal eterna, mas um modo de atuação temporal.
- 1.2.3 Teologia liberal. Teólogos como Friedrich Schleiermacher e Albrecht Ritschl reinterpretaram a doutrina da Trindade em categorias éticas ou existenciais e, por isso, tendiam a tratar o termo "Pai" como uma metáfora moral, ligada à ideia de uma paternidade universal de Deus em relação à humanidade. Nessa leitura, Deus se torna "Pai" sobretudo em referência ao ser humano redimido, de modo que a paternidade não é entendida como ontológica nem como uma realidade trinitária eterna, mas como uma forma de linguagem antropomórfica para expressar a relação de Deus com o seu povo.

1.3 O Pai gerou o Filho.

Ideia central: A geração do Filho não é a mesma coisa que criação; indica compartilhamento da mesma essência (Jo 5.26; Jo 10.30).
O aluno deve sair sabendo: diferenciar “gerado” de “criado” e afirmar a plena divindade do Filho sem cair na heresia da subordinação ontológica.

A LIÇÃO DIZ: *A geração do Filho não implica criação; Ele sempre existiu com o Pai, com a mesma essência.*

No início do século IV, a Igreja entrou em um período de intensa controvérsia doutrinária, no qual a pergunta central era: quem é, de fato, o Filho em relação ao Pai? Foi nesse contexto, em Alexandria, que Ário, presbítero influente, passou a defender que o Filho teria sido criado por Deus Pai antes de todas as coisas e, por isso, não seria eterno. A tese dele pode ser resumida na fórmula que se tornou emblemática neste debate: “houve um tempo em que o Filho não existia” ($\eta v \pi \sigma t e \circ \tau e o \nu k \eta v$). Portanto, o Filho poderia receber o título de “divino” apenas em sentido derivado, como um ser intermediário exaltado, porém não plenamente Deus.

Essa doutrina, conhecida como arianismo, ameaçava profundamente a fé cristã, pois negava, em primeiro lugar, a divindade plena e eterna do Filho. Por fim, ela rompia a confissão da Trindade consubstancial, isto é, a unidade de essência entre Pai e Filho, substituindo-a por uma hierarquia ontológica que rebaixava o Filho a uma categoria inferior.

As consequências dessa heresia eram devastadoras. Em primeiro lugar, se o Filho não é plenamente Deus, então Ele não pode revelar plenamente o Pai (Jo 1.18). Em segundo lugar, se o Filho é uma criatura exaltada, então não pode redimir criaturas, porque somente Deus é que pode salvar (Is 43.11; Jo 14.6). Em terceiro lugar, se o Filho não é eterno, então Deus não é eternamente Pai, o que compromete a identidade trinitária de Deus.

Diante disso, os Pais da Igreja, especialmente Atanásio de Alexandria, sustentaram que:

O Filho não foi criado, mas eternamente gerado do Pai, o que significa que Ele compartilha da mesma essência divina (*homoousios*) e sempre existiu com o Pai (Atanásio, *Contra os arianos*).

O Concílio de Niceia (325) afirmou:

“Cremos em [...] um só Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, gerado do Pai, unigênito, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial ao Pai.”

Portanto, nesse contexto histórico, ainda que em linguagem limitada, os Pais da Igreja insistiram na geração eterna como forma de afirmar a eternidade do Filho; sua igualdade com o Pai em essência; sua distinção pessoal como Filho (não o mesmo que o Pai, mas plenamente Deus como Ele).

A criatura é diferente do Criador, mas aquele que é gerado compartilha da mesma essência de quem o gerou. Novamente, a linguagem é imperfeita, pois tem sua limitações, mas é com esse sentido que ela é utilizada.

1.4 O Pai nos concede o Espírito.

Ideia central: O Espírito procede do Pai e do Filho; atua em nós como presença divina permanente, confirmando nossa filiação.
O aluno deve sair sabendo: enumerar as funções do Espírito ligadas à filiação: habitar, testemunhar, guiar e conduzir ao Pai (Ef 2.18; Jo 16.13).

A LIÇÃO DIZ: *O Espírito Santo também tem sua origem no Pai, mas de modo distinto. Ele procede do Pai (Jo 15.26) e é enviado pelo Filho (Jo 16.7).*

Processão é o termo técnico usado pela teologia cristã para descrever a relação eterna e pessoal pela qual o Espírito Santo subsiste, sendo distinto do Pai e do Filho, mas da mesma essência divina. Diferente do Filho, que é eternamente gerado do Pai, o Espírito eternamente procede do Pai.

Esse termo não indica tempo, subordinação ou origem cronológica, mas relações pessoais eternas dentro do único ser divino. A processão é uma maneira de ser pessoal do Espírito, assim como a geração é a maneira de ser pessoal do Filho.

Ao falar dos “objetivos” da processão do Espírito Santo, é útil manter a coerência entre dois níveis inseparáveis. Primeiro, a processão descreve uma relação eterna no próprio Deus, isto é, quem o Espírito é em sua subsistência pessoal em relação ao Pai e ao Filho. Segundo, essa realidade eterna se reflete na missão do Espírito na história da salvação, isto é, no modo como ele é enviado e atua no mundo. A seguir, destacaremos seis objetivos do envio do Espírito Santo:

Primeiro, o Espírito glorifica o Filho e, ao glorificar o Filho, conduz os homens ao Pai. Na economia da salvação, o Espírito não inaugura um caminho paralelo, mas opera como testemunha interior da verdade de Cristo. Jesus ensina que o Espírito “testificará” dele (Jo 15.26) e que “ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar” (Jo 16.14). O objetivo é atuar como testemunho divino no coração do crente, confirmando a identidade do Filho e, por meio dele, conduzindo o homem ao conhecimento verdadeiro do Pai.

Segundo, o Espírito une os salvos a Cristo. O Espírito, que procede do Pai e do Filho, é aquele que realiza a união do pecador arrependido com Jesus, sem a qual não há participação nos benefícios espirituais. Paulo afirma que “aquele que se une ao Senhor é um espírito com ele” (1Co 6.17), e também ensina que não pertencer a Cristo é não ter o seu Espírito (Rm 8.9). Portanto, uma das finalidades do Espírito é efetivar a união espiritual e vivificante com Cristo, tornando real, na experiência do crente, a comunhão com o Mediador.

Terceiro, o Espírito aplica a obra da salvação. Se o Pai planeja e o Filho realiza a redenção, é o Espírito quem aplica eficazmente seus benefícios aos crentes. Isso inclui regenerar, convencer do pecado, conduzir à vida de fé, santificar e sustentar.

Quarto, o Espírito forma e edifica a Igreja como corpo de Cristo. A Igreja é constituída e sustentada pela presença do Espírito. No Pentecostes, vemos a sua inauguração pública (At 2), e Paulo descreve a Igreja como habitação de Deus “no Espírito” (Ef 2.22). Além disso, o Espírito distribui dons, promove unidade e produz santidade na vida comunitária (1Co 12.4–13; Ef 4.3–4).

Quinto, o Espírito habita nos crentes como templo e selo. A presença do Espírito é permanente, marcando o crente como propriedade de Deus e garantindo sua herança. Paulo afirma que os crentes foram “selados com o Espírito Santo da promessa” (Ef 1.13) e pergunta: “Não sabeis que sois santuário de Deus e que o Espírito habita em vós?” (1Co 3.16). Além disso, o Espírito confirma a nossa adoção dando-nos linguagem filial: “Aba, Pai” (Rm 8.15–17).

Sexto, o Espírito conforma os crentes à imagem do Filho. A obra do Espírito não se limita ao início da fé; ela se estende ao processo de transformação progressiva. Paulo descreve essa dinâmica dizendo que “somos transformados de glória em glória [...] como pelo Senhor, o Espírito” (2Co 3.18), e relaciona essa transformação ao fruto do Espírito na vida prática (Gl 5.22–23).

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?**

**Aperte agora mesmo aqui para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

2. RECONHECENDO A PATERNIDADE DO PAI

Ideia central do ponto: A filiação é reconhecida pela confissão de que Cristo é o Filho de Deus, pela permanência no amor e pela confiança diante do juízo (1Jo 4.15-18).

2.1 Confessar a Cristo como Filho.

Ideia central: Confessar Jesus como Filho de Deus evidencia a habitação divina no crente e é o acesso legítimo ao Pai (1Jo 4.15; Jo 14.6; Rm 10.9-10).

O aluno deve sair sabendo: relacionar confissão cristológica à obra do Espírito e à comunhão com o Pai (1Co 12.3; 1Jo 2.23).

A LIÇÃO DIZ: *A confissão de que Jesus é o Filho de Deus é um ato central na fé cristã: “Qualquer que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus está nele e ele em Deus” (1Jo 4.15). Essa capacidade não nasce da carne, nem da persuasão humana, mas da ação sobrenatural do Espírito Santo (1Co 12.3). Reconhecer Jesus como o Filho de Deus é a única forma legítima de acesso ao Pai (Jo 14.6). Negar o Filho é, por consequência, negar o acesso ao Pai (1Jo 2.23).*

Quem são as pessoas do mundo as quais desfrutam de salvação em Cristo? São aqueles que reconhecem a filiação divina de Jesus. Na verdade, somente quando o crente confessa que “Jesus é o Filho de Deus” é que Deus habita nele e ele em Deus.

A confissão de que *Jesus é o Filho de Deus* expressa sua humanidade e sua divindade. Além disso, exclui todos aqueles que negam que Jesus é o Filho de Deus (2.23; 5.10,12) como sendo pessoas que não têm comunhão com Deus.

A carta de 1João foi lida em uma igreja mista onde as pessoas estavam redefinindo a identidade Jesus e rompendo a comunhão. Por isso, “confessar” aqui funciona como um marcador de fidelidade: quem mantém a confissão correta sobre Jesus demonstra que permanece na fé recebida.

No contexto antigo, “confessar” frequentemente tinha peso público e social: era declarar um tipo de lealdade que podia custar a reputação e a segurança. Isso nos ajuda a entender por que o autor trata a confissão como algo mais “espesso” do que a opinião privada.

Desse modo, a consciência da permanência em Deus e de Deus em nós decorre dessa confissão pública de Jesus. Além disso, a confissão verdadeira de Jesus Cristo é colocada por João nessa carta como prova de que alguém tem o Pai (2.23) e que procede de Deus (4.2). É claro que não se trata de uma confissão da boca para fora, que qualquer ignorante ou herético possa fazer, mas de uma confissão que procede de um coração iluminado, crente, regenerado, habitado por Deus mediante o Espírito Santo. “Esta confissão da divindade de Cristo também implica entrega e obediência; não é algo somente da boca para fora” (A. T. Robertson).

2.2. A perfeição do amor do Pai.

Ideia central: O Pai ama de forma sacrificial, adotiva e perseverante (1Jo 4.16; Jo 3.16; 1Jo 3.1).

O aluno deve sair sabendo: listar marcas do amor do Pai no texto: adoção, cuidado e segurança (Ef 2.4-5; Rm 8.38-39).

A LIÇÃO DIZ: *O amor do Pai é sacrificial, demonstrado ao enviar Seu Filho (Jo 3.16). Esse amor nos adotou; fomos aceitos por Ele, com todos os direitos de filhos legítimos (1Jo 3.1). Esse amor é inquebrável; nenhum poder ou circunstância poderá nos separar desse amor (Rm 8.38,39). Esse amor é pessoal; não é apenas geral, mas é individual, voltado para cada filho que crê (Jo 16.27).*

O apóstolo João se esforçou para transmitir aos crentes a natureza singular e incomparável do amor de Deus por Seus filhos.

Há um texto que merece ser lido e explanado em classe:

Vejam que grande amor o Pai nos tem concedido, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus. Por essa razão, o mundo não nos conhece, porque não o conheceu. (1Jo 3.1, NAA).

Podemos perceber três coisas que despertam a admiração do apóstolo. Primeira, que essa dádiva foi concedida por Deus a pecadores indignos. Segunda, também desperta admiração aquilo em que essa dádiva os transformou: filhos de Deus. E terceira, que tudo isso foi algo *concedido*, palavra que aponta claramente para o caráter gracioso do amor de Deus. Não foi por mérito nosso, mas por seu amor livre e gracioso. O fato de Deus amar seres humanos caídos a tal ponto provoca a admiração do apóstolo; ele deseja que os cristãos da Ásia, assim como os de todas as épocas e lugares, compartilhem de seu deslumbramento.

Vamos destacar os desdobramentos desse tão grande amor:

- 2.2.1 Adoção. A adoção é o ato jurídico da graça divina que retira o pecador da "família de Adão" (escravidão) e o coloca na família de Deus. No contexto bíblico, a adoção (*huiogenesis*) significa ser colocado na posição de filho adulto. Isso garante o direito imediato de usufruir da herança, sem necessidade de aguardar a maturidade. Diferente do nascimento natural, a adoção é um ato voluntário e consciente de amo.
- 2.2.2 Cuidado. O Pai cuida das aves do céu e conhece o número de fios de cabelo de cada filho (Mt 6.26; 10.29-31). Somos exortados a lançar sobre Ele toda ansiedade, pois Ele tem cuidado de nós (1 Pe 5.7). Deus nos conhece de forma minuciosa e seu cuidado sempre visa o nosso bem, mesmo quando enfrentamos tribulações.
- 2.2.3 Segurança. A segurança do crente reside na imutabilidade do propósito de Deus e no Seu poder protetor. O amor de Deus é uma "corrente sem elos fracos". Deus funciona como um muro de fogo ao redor da igreja. A segurança não depende da força da nossa fé, mas da fidelidade dEle, que nos guarda como a "menina dos Seus olhos". Segundo Romanos 8.38-39, nenhuma criatura ou circunstância (morte, vida, anjos, presente ou futuro) pode nos separar do amor de Deus. Jesus garante que ninguém arrebatará Suas ovelhas de Suas mãos ou das mãos do Pai (Jo 10.27-29). Por que muitos se perdem? Por que escolhem rejeitar esse amor perfeito. Neste caso, o problema não está no amor de que ama, mas nas ações de quem é amado.

2.3 As bênçãos da filiação divina.

Ideia central: O amor aperfeiçoado em nós remove o medo da condenação e produz confiança diante do Dia do Juízo (1Jo 4.17-18; Rm 8.15).

O aluno deve sair sabendo: distinguir “confiança no juízo” de presunção, mantendo a exortação à vigilância (1Co 10.12; Ez 18.24).

A LIÇÃO DIZ: *As Escrituras afirmam que o amor de Deus, lança fora todo o temor, especialmente o medo do juízo: “Nisto é perfeito o amor para conosco, para que no Dia do Juízo tenhamos confiança” (1Jo 4.17).*

Warren Wiersbe diz que João está tratando aqui de uma espécie específica de medo, ou seja, *krisisfobia*, medo do julgamento. Neste sentido, quem sente medo, normalmente tem algo no passado que o assombra, algo no presente que o perturba ou algo em seu futuro que o faz sentir-se ameaçado. O que crê em Jesus, porém, não precisa temer o passado, o presente e o futuro, pois experimentou o amor de Deus, e este amor está sendo aperfeiçoado em sua vida a cada dia.

Voltando ao texto bíblico, constatamos que ele não diz que nosso amor é aperfeiçoado, mas, sim, que o amor de Deus se torna perfeito entre nós. João nos leva para o futuro, quando nos veremos diante do Senhor. O que experimentaremos nesse dia: confiança ou terror profundo? A resposta é confiança ou intrepidez, pois o amor perfeito resolve a questão do pecado de uma vez por todas. João explica o motivo da confiança que experimentaremos nesse dia vindouro: “Pois, segundo ele é, também nós somos neste mundo”. O Senhor Jesus está no céu e já passou pelo julgamento. Veio ao mundo e sofreu o castigo merecido por nossos pecados. Uma vez que Cristo consumou essa obra, a questão do pecado não precisará ser tratada nunca mais. Segundo ele é, também nós somos neste mundo. Entendeu? Cristo é santo e puro! Sua justiça foi atribuída a nós.

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo [aqui](#) para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

3. A EXPERIÊNCIA DO AMOR DO PAI

Ideia central do ponto: O amor do Pai se torna experiência visível e verificável por meio da obediência, do amor fraternal e da resposta ao amor que Deus já demonstrou por nós (1Jo 2.5; 4.12; 4.19).

3.1 O amor é aperfeiçoado no crente.

Ideia central: Guardar a Palavra é o meio pelo qual o amor de Deus amadurece e se expressa em obediência prática através de nossas vidas (1Jo 2.5; Jo 14.21; Tg 1.22).

O aluno deve sair sabendo: o amor a Deus se verifica por meio da obediência constante (Lc 16.10; 1Jo 5.3).

A LIÇÃO DIZ: *O aperfeiçoamento do amor em nós é obra do Espírito. Guardar a Palavra é o meio pelo qual o amor divino é amadurecido: “Mas qualquer que guarda a sua palavra, o amor de Deus está nele verdadeiramente aperfeiçoado; nisto conhecemos que estamos nele” (1Jo 2.5). Essa obediência prática à Palavra é a evidência externa de um amor interno e verdadeiro por Deus (Jo 14.21).*

O amor de Deus por nós é aperfeiçoado na obediência à Palavra. Nosso amor por Deus é demonstrado pela observância dos mandamentos de Cristo (5.3; Jo 14.15,21,23).

Como podemos saber que estamos em Deus? João responde com uma sucessão de declarações: Quando estamos nele (2.5), quando permanecemos nele (2.6) e quando andamos assim como ele andou (2.6). O verdadeiro amor a Deus se expressa, não em linguagem sentimental ou em experiência mística, mas na obediência. A prova do amor é a lealdade.

3.2 O amor é a marca dos filhos de Deus.

Ideia central: O amor mútuo torna visível o Deus invisível e evidencia quem conhece a Deus de fato (1Jo 4.12; Jo 13.34-35).

O aluno deve sair sabendo: identificar o amor fraternal como demonstração de que amamos a Deus (1Jo 3.10; 4.8).

A LIÇÃO DIZ: *O amor distingue os verdadeiros filhos de Deus. O mundo conhece a Deus por meio da manifestação de amor dos seus filhos: “Ninguém jamais viu a Deus; se nós amamos uns aos outros, Deus está em nós, e em nós é perfeito o seu amor” (1Jo 4.12).*

Lemos em João 1.18: “Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou”. O evangelho de João mostra que o Deus invisível é revelado ao mundo por meio do Senhor Jesus Cristo. Aqui, encontramos a expressão “ninguém jamais viu a Deus” repetida na epístola de João. Agora, porém, Deus não se manifesta mais ao mundo por meio de Cristo fisicamente, pois ele voltou para o céu onde está assentado à destra de Deus. Hoje, Deus se manifesta ao mundo por meio dos cristãos (entenda o contexto dessa afirmação, ok?). Que verdade espantosa: hoje, *nós* devemos ser a resposta de Deus para a necessidade de a humanidade vê-lo! Não estou negando a atuação do Espírito e nem o papel das Escrituras, mas acentuando a nossa responsabilidade a amar o nosso próximo a fim de que aquilo que Deus fez em nossas revele quem ele é: um Deus amoroso.

O amor de Deus não é concedido a nós para que o guardemos egoisticamente, mas para que possa ser derramado a outros por meio de nós. Quando amamos os outros desse modo, damos prova de que permanecemos nele, e ele, em nós, e de que somos participantes do seu Espírito.

É dessa forma que o amor de Deus obtém o fruto final: transformando pecadores odiosos e que se odeiam (Tt 3.3) em filhos de Deus que se amam. É no amor fraternal entre irmãos que o amor de Deus alcança sua perfeição, isto é, o resultado completo que Deus havia almejado. “Deus se mostra presente quando, pelo seu Espírito, ele transforma nosso coração de tal forma que amamos uns aos outros.

3.3 A aplicação da salvação pelo Espírito.

Ideia central: O amor cristão responde à iniciativa do Pai; a capacidade de amar decorre do amor divino já demonstrado em Cristo (1Jo 4.19; 4.10; Rm 5.8).

O aluno deve sair sabendo: explicar “iniciativa divina” na vida cristã e relacioná-la à gratidão e ao serviço (Ef 1.5; Rm 5.5; 2Co 5.14-15).

A LIÇÃO DIZ: *A essência da vida cristã está fundamentada no fato de que Deus nos amou: “Nós o amamos porque Ele nos amou primeiro.” (1Jo 4.19). Indica que a salvação, a fé e a nossa capacidade de amar são respostas à iniciativa incondicional do amor divino (1Jo 4.10). Em vista disso, fomos amados antes de qualquer mérito, antes de qualquer movimento pessoal em direção a Deus (Ef 2.4,5). Fomos amados no pior estado possível — em pecado — e recebidos como filhos em Jesus (Rm 5.8; Ef 1.5).*

O amor perfeito que temos por Deus é resultado do amor de Deus por nós. O ser humano jamais pode afirmar que o seu amor por Deus foi anterior ao amor de Deus por ele. Deus sempre vem em primeiro lugar ao nos amar, e nós respondemos com o nosso amor por ele.

A perícope de 1João 4 organiza a manifestação do amor de Deus em um movimento temporal que revela, ao mesmo tempo, a história da salvação e a experiência cristã.

No passado, o amor foi manifestado objetivamente na obra de Deus em nosso favor: quando ainda éramos pecadores, Deus enviou o Filho unigênito como iniciativa redentora, e essa manifestação alcança seu ápice na propiciação, isto é, no ato pelo qual Cristo tratou a culpa e removeu a barreira entre Deus e nós (1Jo 4.9-10; cf. 4.11). Aqui, o amor não como uma ação salvífica.

No presente, esse mesmo amor se manifesta de modo interior e coletivo: Deus habita em nós, e sua presença se torna reconhecível quando o amor circula entre os irmãos. João sustenta duas ideias em paralelo. Ninguém “vê” Deus diretamente, mas Deus se torna perceptível por meio de sua habitação e do amor praticado (1Jo 4.12). Além disso, a certeza dessa habitação é confirmada pelo dom do Espírito e pela confissão verdadeira de que Jesus é o Filho de Deus (1Jo 4.13–15).

No futuro, o amor alcança sua maturidade prática: ele produz confiança e segurança no Dia do Juízo. João não afirma ausência de reverência, mas ausência do medo da condenação. O amor, quando aperfeiçoados, sustenta a confiança porque a união com Cristo redefine nossa posição diante de Deus (1Jo 4.17-18). Assim, a esperança cristã se baseia no amor que nos alcançou no passado, nos sustenta no presente e nos dá firmeza diante do futuro.

CONCLUSÃO

Concluímos que a Paternidade Divina não é um título adquirido no tempo, mas uma realidade eterna e relacional da Trindade: o Pai gera eternamente o Filho e, com Ele, nos concede o Espírito. Vimos que a nossa salvação provém de uma iniciativa do Pai, realiza-se na obra do Filho e confirma-se na habitação do Espírito, garantindo-nos uma adoção plena, segura e inabalável.

Compreendemos também que o perfeito amor de Deus lança fora o medo do Juízo, substituindo o temor da condenação pela confiança filial. Portanto, a evidência real de que pertencemos a essa família celestial não está apenas em nossa confissão verbal, mas na prática diária: ao obedecermos à Palavra e exercermos o amor fraternal, tornamos visível ao mundo o Deus invisível que nos amou primeiro.

ABRA JAULA

REFERÊNCIAS

- PAMPLONA, Pedro. **Como Deus é um e três ao mesmo tempo?** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.
- LETHAM, Robert. **A Trindade:** na Escritura, história, teologia e adoração. São Paulo: Vida Nova, 2022.
- FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia sistemática:** uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 155-197.
- HORTON, Stanley M. (ed.). **Teologia sistemática:** uma perspectiva pentecostal. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996. p. 157-187.
- Santo Agostinho. **A Trindade.** São Paulo: Paulus, 1994.
- ERCKSON, Millard J. **Teologia sistemática.** São Paulo: Vida Nova, 2015.